

RENATA BELMONTE

MUNDOS  
DE UMA  
NOITE SÓ

TUSQUETS  
EDITORES

RENATA BELMONTE

MUNDOS  
DE UMA  
NOITE SÓ

E UMA VALSA PARA O ESQUECIMENTO

Copyright © Renata Belmonte, 2025  
Copyright © Tusquets Editores, S.A., 2025, 2026  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025, 2026  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Wélida Muniz  
*Revisão:* Gabriella Plantulli e Maitê Zickuhr  
*Projeto gráfico e diagramação:* Renata Spolidoro  
*Capa:* Sandra Fava  
*Imagem de capa:* Nikolay S. (abstractjty)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Belmonte, Renata  
Mundos de uma noite só e uma valsa para o esquecimento /  
Renata Belmonte. – 2. ed. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.  
192 p.  
ISBN: 978-85-422-4064-1  
1. Ficção brasileira I. Título  
26-0323 CDD B869

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo e  
outras fontes controladas

2026  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

## CAPÍTULO 1

### UMA VALSA PARA O ESQUECIMENTO

Acredito que, desde o início, deveria ter previsto que tudo aconteceria como num pesadelo que tive poucos meses depois que eu e seu pai nos conhecemos. É noite, e nós estamos numa sala de estar enorme, parecida tanto com a da casa da família dele quanto com a daquela onde cresci. Antigamente, as salas de estar das famílias tradicionais eram parecidas, pois era essa semelhança tácita que lhes permitia serem consideradas tradicionais, pois era essa semelhança tácita que lhes permitia serem reconhecidas como tal por seus iguais. No passado, as salas de estar eram como as roupas: julgava-se uma mulher como rica ou pobre, de família ou vagabunda, apenas pelo que cobria seu corpo. A sala de estar em que eu e seu pai estamos, aparentemente, abriga uma festa. E, como todas as outras tradicionais, ela também tem um piano. É verdade que, da mesma forma que acontece nos sonhos, neste pesadelo, as pessoas e coisas se misturam e desaparecem de repente, impedindo recordações detalhadas. Mas uma cena em especial é impossível de ser esquecida: vejo seu pai passeando os dedos pelas teclas, executando a valsa que marcou a minha infância impossível. Emocionada com seu gesto, eu lhe digo: *Esta é a música mais linda e triste que já ouvi na vida*. No entanto, contrariando as minhas expectativas, ele apenas comenta com frieza: *Eu não*

*estou tocando nada. O que você escuta é apenas o assóvio da morte avisando que está vindo te buscar.*

Eu nunca me importei com meus pesadelos. Desde pequena, tenho-os com frequência e sempre acreditei que era injusto lhes conceder qualquer relevância. Se meus sonhos não se realizavam, por que haveria de achar que logo meus pesadelos se tornariam realidade? *Mulher pobre só pode cair quando morre*, minha mãe sempre dizia. Aprendi a me equilibrar na corda bamba da vida. Olhar para o buraco, acreditar no pior, era o mesmo que consentir minha própria queda. Eu não queria escrever esta história. Jamais fui sua personagem principal, e papéis secundários nunca me interessaram. Mas se é para salvar você, minha filha, se é para você viver mais, escrevo-a. É verdade que carrego comigo o medo de estar cometendo um engano: a ignorância é um lindo presente embalado com laços de fita. Durante todo o tempo que estive ao seu lado, eu quis lhe dar um mundo cheio de promessas. Só que isso não foi o suficiente para aplacar sua doença. Hoje, na minha última tentativa de salvar você, lhe entrego o contrário: receba este livro, este seu abismo.

Aquela era uma cidade de velhos. E mesmo os que não tinham mais de duas décadas de vida logo se esforçavam para se tornarem velhos, podendo-se, desde cedo, já se vislumbrarem traços de velhos nos seus rostos moços. Ainda que não significasse necessariamente sabedoria, envelhecer parecia a única maneira de ascender naquela sociedade. Naquele lugar, naquela época, crianças e adolescentes eram tratados como não merecedores de uma escuta atenta de seus sonhos e opiniões. Para as mulheres, a situação soava ainda mais desesperadora: não havia como se tornarem destinatárias de uma consideração genuína,

pois dependiam financeiramente dos maridos e precisavam se manter sempre novas para não acabarem desprezadas por eles. O passar dos anos, ainda que pudesse lhes permitir alguma autoridade, significava também lidar com o fato de que se tornavam menos atraentes para o olhar masculino. A luta era inglória: massacradas pelas suas próprias contradições, as mulheres daquela cidade acabavam percebendo o quanto era difícil inspirar, ao mesmo tempo, respeito e desejo. Somente depois de aceitarem o inevitável, quando muito pouco lhes restava, passavam a ter algum cuidado consigo mesmas. É verdade que, desde sempre, para a Senhora de Menezes Grimaldi isso soou como um verdadeiro absurdo. Pena que não encontrou melhor sorte.

Por conta do forte calor, todos os homens brancos daquele lugar tinham faces avermelhadas e oleosas. Quase sempre estavam enfiados em tecidos grossos e se comportavam como se fossem parentes, membros de uma única família. As mulheres não se assemelhavam, mas tentavam fazer com que isso acontecesse, optando pelas mesmas escolhas estéticas. Naquela cidade, parecer era sinônimo de pertencer, ser menos só. Aos sábados, as mulheres iam aos salões de beleza e viravam loiras; no entanto, isso não lhes conferia automaticamente o status que tanto ansiavam. Sem muita dificuldade, descobre-se a verdadeira idade das pessoas pelo estado de suas mãos, joelhos e pela raiz dos cabelos. Todas as mulheres daquele lugar possuíam um olhar vago e perdido. Se lhes contassem que o apocalipse estava prestes a acontecer, reagiriam da mesma maneira que se lhes avisassem que a geladeira da padaria havia quebrado. Talvez não admitissem, mas é até possível que a notícia do fim dos tempos não lhes parecesse de todo modo catastrófica, pois colocaria prazos próximos para suas existências

e as permitiriam desculpas para seus pecados. Aos domingos, todos eram obrigados a fingir que acreditavam em Deus. Sim, a vida daquelas pessoas anoitecia mesmo cedo demais.

Antes que você me acuse de exagero, preciso dizer que reconheço que, em qualquer parte do mundo, existem seres humanos problemáticos. Não se trata aqui de falar de sua família e de sua cidade como uma tragédia única, sem precedentes. No entanto, é preciso que você entenda que a forma de padeecer daquela gente era cheia de peculiaridades. Pessoas como seu pai e eu, nascidas em regiões banhadas o ano todo por sol e mar, sabem o que digo: paira sobre elas a obrigação de estar sempre satisfeitas. Afinal, como alguém que tem a bênção de passar sua existência num lugar assim, tão abençoado pela natureza, pode sofrer? *Só se for ingrato ou de índole ruim!*, comentaria um cidadão típico. Portanto, ali, qualquer dor emocional devia ser silenciada. Não se admitia nenhuma falha sob pena de macular o ideal de perfeição difundido. Era isso que os salvava de explicações mais detalhadas sobre a sensação de bastardos que partilhavam. Os infelizes assumidos de lá ainda tinham que cumprir outra regra: apenas podiam se sentir deste modo por motivos palatáveis, fáceis de explicar, tais como problemas por conta de doenças ou falta de dinheiro. Naquela comunidade, ninguém possuía permissão de se deprimir devido ao tédio que engolia seus dias. Os contentes frequentavam clubes e atribuíam sua animação à boa saúde dos filhos ou ao progresso destes nos estudos. Sorridentes, mostravam entusiasmo com as festas de aniversário para as quais eram convidados. Ah, não se pode esquecer: também existiam os churrascos dominicais que lhes permitiam os encontros com os amigos, as cervejas e as risadas. Em comum entre aquelas pessoas, estava o acordo firmado: qualquer sentimento apenas seria aceito

se já fosse catalogado e conhecido. Quando chegava a hora de constituir família, as mulheres mandavam fazer seus vestidos de noiva, sob o olhar atento das mães. Somente depois se preocupavam se de fato suportariam seus futuros maridos. Nas escolas, crianças aprendiam a ser velhas e declamavam poesias tolas, enquanto seus pais batiam palmas ainda mais tolas, considerando-as verdadeiros gênios por conta daquelas rimas. Se alguém pintava um quadro, era sempre retratando aquela maravilhosa realidade. Podia-se, muitas vezes, escutá-los falando mal dos costumes dos outros locais. Mas a verdade é que, apesar desses comentários, muitos deles acabavam copiando aquilo que tanto criticavam. Mesmo com a visível pobreza que se apoderava de tudo e todos, placas coloridas anunciavam que aquela era a terra da felicidade. Mais do que uma cidade de velhos, aquela era uma sociedade de loucos. Ao mesmo tempo solar e sombria, ela criava seus filhos para serem todos iguais e não tolerava quem se recusava a desafiar suas ordens. Bom, pelo menos, era assim que a Senhora de Menezes Grimaldi, sua avó paterna, julgava o lugar onde nasceu.

O rosto belo de seu pai podia ser visto, ao mesmo tempo, em espelhos de lugares diferentes. Isso porque, depois de três tentativas fracassadas, em que apenas nasceram meninas, a Senhora de Menezes Grimaldi pensava que, finalmente, havia conseguido o respeito do marido. Político, sucessor de uma geração de homens públicos, o Senhor Luiz Antônio Grimaldi parecia desejar ardentemente ter um filho homem para transmitir seu legado. Quando sua avó conseguiu gerar os gêmeos, ela acreditou que ele não frequentaria mais camas alheias. Estavam ali, na sua frente, ao seu alcance, seus dois esperados rapazes, ela tinha lhe dado em dobro o que ele tanto dizia querer. Portanto,

ele teria que dedicar muito do seu tempo para torná-los dignos dos seus destinos, não mais lhe seria possível desperdiçar seus momentos com vagabundas extravagantes. Dois, eram dois e idênticos os seus herdeiros políticos. Sim, as chances de algo dar errado aparentavam ser bastante diminutas.

As maneiras da Senhora Menezes de Grimaldi eram suaves e educadas, exatamente do mesmo jeito que as das outras mulheres consideradas boas mães naquela cidade. Num primeiro instante, seria impossível alguém perceber que sua avó paterna possuía algo diferente daquilo que era esperado. Ela conversava com desenvoltura sobre assuntos domésticos, se trajava da maneira adequada e criava suas crianças com rigor e afeição. Somente um observador muito atento, depois de anos de convivência, poderia atestar que, apesar dos sorrisos compreensivos e da delicadeza das palavras, ela era uma mulher incomum. Dona de uma rebeldia silenciosa e violenta, a Senhora de Menezes Grimaldi, desde muito cedo, aprendeu que deveria disfarçar sua natureza. Isso porque, ela sabia que a repulsa que sentia por aquele lugar nunca seria devidamente compreendida. Ora, a regra era clara: sentimentos desta ordem não ficavam bem em moças de família.

Segundo sua avó paterna contava, foi por conta da descoberta de que nem mesmo o nascimento dos gêmeos conseguiu fazer com que o Senhor Luiz Antônio Grimaldi se mantivesse fiel que ela perdeu o encanto por ele. Não, não que ela tenha ficado decepcionada apenas por causa das traições. Das diversas escapulidas dele, ela sabia, desde o início do casamento. Ela afirmava que perdeu de verdade o entusiasmo pelo marido, quando constatou que ele, da mesma forma que todos os outros homens daquela cidade, não era especial. Sim, porque ela pensava

que, assim que tivessem herdeiros do sexo masculino, o Senhor Luiz Antônio Grimaldi passaria a despender sua energia com coisas importantes e abandonaria seus prazeres ordinários, comuns a todos os homens fracos. *Mentiroso como os outros*, pensava ela, enquanto o servia com má vontade nas refeições. Sim, ela não tinha fugido daquele lugar porque acreditava que havia se casado com um homem que como ela partilhava de um projeto maior. Sim, ela não tinha fugido daquele lugar porque pensava que ele também possuía como objetivo criar uma dinastia, uma história nova, um mundo que lhes trouxesse um pouco mais de cor e felicidade, que pudesse salvá-los daqueles dias de tédio, daquela cidade sem vida. Caberia a ela, somente a ela, fazer com que a gordura que se apoderou do seu corpo, ao abrigar seus cinco filhos, restasse justificada. Caberia a ela, somente a ela, permitir dignidade para o seu antigo e esperançoso rosto de moça. Sim, ela exigia respeito para a velha que havia tomado conta dela. Criaria três meninas elegantes e finas, além de dois rapazes cultos e arrojados. Seus gêmeos seriam bem diferentes daqueles idiotas que gastavam suas oportunidades com prostitutas. Tivesse nascido homem, era possível que a Senhora de Menezes Grimaldi houvesse inaugurado um novo tempo naquela comunidade. Mas isso não aconteceu e, apesar dos seus esforços em contrário, ela passou a se contentar com as raras partidas de gamão que, no último minuto, com um prazer masoquista, deixava seu marido ganhar.

Nunca me encontrei com sua avó paterna, a Senhora de Menezes Grimaldi. Jamais vi seu rosto nem mesmo o seu primeiro nome quis saber, pois sempre me pareceu uma maneira de distinção conhecê-la apenas por seu sobrenome. Apesar de tudo que fez, guardo por ela um profundo afeto, comungo de sua indignação essencial. Imagino-a com um coque baixo e

bem-feito, velha e bela, dona de olhos grandes. Ao contrário das outras mulheres do seu tempo, sei que a Senhora de Menezes Grimaldi compreendia que o melhor dos mundos não se constrói sem algumas pequenas injustiças.

Eu sempre pedia para seu pai me contar sobre sua família. Certo dia, irritado, ele me disse que eu sentia inveja dele, pois não queria realmente ouvir suas histórias, mas, sim, roubá-las, transformá-las em minhas. Hoje, aceito: de certo modo, ele tinha razão. Nos meus sonhos secretos, a Senhora de Menezes Grimaldi também era minha mãe.

TUSQUETS  
EDITORES

*Segundo os chineses, se alguém salva a vida de outra pessoa, torna-se responsável por ela para sempre, pois imediatamente, cria-se entre as duas um compromisso que jamais poderá ser desfeito. Inúmeras desgraças se abaterão sobre a parte que for infiel. Alguns anos atrás, ainda na minha adolescência, impedi que Lágrima pulasse do oitavo andar de um prédio. Desde então, tornei-me sua guardiã. No início, esta obrigação não pesava tanto, eu a desculpava por acreditar que seu comportamento se devia ao fato de ter sido criada muito próxima de tia Madeleine. Minha mãe costumava contar que Madeleine, sua irmã caçula, sofria de perseguição espiritual e que, influenciada por espíritos ruins, tentou se suicidar diversas vezes. Tia Madeleine, esta que você vê neste porta-retratos, era uma mulher incrível, possuía um rosto muito marcante, suas sobrancelhas fartas sempre foram motivo de inveja. Mas, apesar de todas as suas virtudes, não passava de uma mulher fraca: jogou-se do alto de uma torre, aos vinte e seis anos. Para mim, dela restou apenas esta fotografia antiga. Enterro meus mortos sem qualquer problema. Só que Lágrima reagiu de forma muito estranha. Sempre achei que ela foi bastante influenciada por esse fato. Pelo menos, era esse o argumento que eu utilizava para perdoar seus deslizes. Naquela época, eu ainda nutria algum amor pela sua figura desequilibrada. Apenas tempos depois,*

*minha filha, descobri que Lágrima nada tem de vítima. Mesmo assim, não posso abandoná-la, temo as consequências que uma atitude dessa ordem acarretaria. Bom, era isso que você queria escutar? Pode ficar tranquila: nunca existiu um castelo de duas rainhas. E, definitivamente, eu não estou disposta a encenar o papel da bruxa má.*

Morte, juventude, beleza. Sempre, jamais, fraca. Rainha, princesa, estrela. Nada, Lágrima. Para minha mãe, algumas palavras eram muito caras. Como de costume, numa noite de terça-feira, escuto aquilo que nasceu para ser resposta virar discurso. Cansada, respiro fundo. Estou enfiada numa camisola branca, sem anáguas. Só mesmo um milagre poderia me retirar deste enredo em que quase todos os personagens são fantasmas.

Oito anos. Nos últimos tempos, meus momentos de alegria se tornaram escassos. Quase não vou para a escola, minhas crises agora são ainda mais frequentes. No entanto, nada disso é o bastante para impedir minha mãe de fantasiar que tenho uma infância feliz. Ela diz que quando estava na minha idade, odiava a obrigação de ir para o colégio. Defende que sou uma menina de sorte, pois possuo um motivo concreto para não frequentar as aulas. Mesmo tendo a professora lhe dito que nada mais pode fazer por mim, minha mãe continua falando esse tipo de coisa. Aparentemente, ela não teme que eu repita de série. Sou uma criança sem amigos, fico sozinha no recreio, meus colegas me chamam o tempo todo de moribunda. Mesmo assim, na opinião de minha mãe nada disso é motivo de preocupação. Na verdade, ela acha que eu deveria comemorar. Já até aprendi a ler. E a minha carreira artística está prestes a começar.

Quando não estou prostrada numa cama, quando as doenças parecem que irão me deixar, minha mãe me leva para fazer testes como atriz. E, nos estúdios, em cima de um pequeno tablado, com todos aqueles olhos e luzes vidrados em mim, acabo sempre obrigada a enxergar meus detalhes sórdidos. Sou muito tímida e magra, meus dedos parecem palitos de tão finos e alongados. Tudo ao meu redor, tudo do mundo em que vivo é feito de plástico: nele não existem lugares, tampouco pessoas de verdade. Isso explica por que os raros seres humanos que aparecem na minha casa logo depois acabam sumindo. Nem eu, meu irmão, minha mãe, muito menos Lágrima, existimos. Nossos nomes, além de esquisitos, são artísticos, coisa que gente normal não tem. Constató também: nosso apartamento é tão pequeno que eu não me surpreenderia se descobrisse que ele não passa de um cenário. Mas se estamos representando, quem escreve nossas falas? Há uma resposta para isso? Não, somos personagens abandonados ao acaso, vivendo de improviso.

O diretor do comercial tem baixa estatura, cabelos brancos presos num rabo de cavalo, além de uma barba muito longa. Durante os breves minutos que passamos juntos, não paro de pensar que ele parece saído de um dos desenhos animados de que mais gosto. No entanto, apesar de se dirigir a mim como “gracinha” e “bonequinha”, está visivelmente irritado, não sustenta a calma que se espera de um mago. De forma insistente, ele exige que eu repita uma frase. Comenta que, se eu não fizer isso direitinho, de nada adiantarão minhas bochechas pintadas de rosa. Fico muito nervosa, suou, um calor terrível invade meu corpo. Estrategicamente posicionada atrás de um refletor, minha mãe sibila como devo me

comportar. *Do lado de fora, há uma fila de crianças querendo o seu lugar*, ela avisa, tentando me fazer reagir. Na última tomada, consigo dizer a frase completa. Finalmente, pareço a menininha alegre que o diretor/mago desde o início tanto quis. Mesmo assim, minha atuação não o convence e acabo sendo dispensada.

Na volta para casa, minha mãe faz de tudo para demonstrar que não está satisfeita. Sempre que ela deseja que eu perceba o seu descontentamento, respira de maneira teatral. Com força, ela traz o ar para dentro de si e o retém por mais tempo que o necessário. Segundos depois, sopra-o com violência pela boca e murmura palavras incompreensíveis. Aos oito anos, já tive tempo para aprender: esta é a primeira maneira dela me dizer que está muito decepcionada comigo, que não sou uma boa filha, que não faço direito nada do que me pede. Prevejo que, minutos depois dessas suas respirações, quando supostamente estiver mais calma, ela me convocará para uma conversa. Dirá que, caso eu não passe a me esforçar, continuarei sendo, na opinião dos outros, apenas uma menina doente. Perguntará se não quero me tornar famosa, assim como ela e meu pai. Sei que, quando ela falar estas coisas, ficarei profundamente ferida, chorarei, argumentarei que tentei atuar da melhor forma possível. Ela comentará que não acredita no que digo, consigo fazer algo muito mais incrível do que aquilo que apresentei. Logo depois, quando eu já estiver magoada o suficiente, ela passará a falar mal do diretor. Comentará que ele é um imbecil e que não sabe reconhecer uma estrela quando a tem diante de si.

Minha mãe diz que trabalha no teatro. Todas as noites, de quinta a domingo, ela sai para se apresentar. Infelizmente,

assim como não me deixam assistir televisão à noite, sou impedida de vê-la em cena. Tanto ela quanto Lágrima me obrigam a dormir cedo. Minha mãe costuma contar que conheceu meu pai enquanto encenava uma peça importante. Segundo ela, no momento em que ele a viu no palco, se apaixonou. Na ocasião, ela representava o papel de uma menina que, aos quatorze anos, foi obrigada a se casar, mas que acabou fugindo para realizar o sonho de se tornar atriz. Sempre que ela fala dessa história, faz questão de comentar que tenho muita sorte, pois, ao contrário da maioria das crianças, possuo uma família que me incentiva a atuar.

Numa das madrugadas em que minha mãe está trabalhando, acabo tendo um desentendimento com Lágrima. Recuso-me a obedecer às suas ordens. Aborrecida, ela diz que, caso eu não faça o que está mandando, me colocará de castigo, sofrerei as consequências do meu comportamento. Sem hesitar, respondo: *Você não tem direito de fazer nada comigo, pois não é minha mãe de verdade. Além do mais, quando meu pai voltar, com certeza, você terá que ir embora.*

Num primeiro instante, apesar de bastante ofendida, ela finge não estar incomodada. No entanto, pouco depois, muda de postura e comenta com um tom ferino: *Como não sou sua mãe de verdade, não continuarei alimentando suas invenções. Já está na hora de você compreender: o pai que você tanto busca nunca vai chegar. Não existe mais, desapareceu, se escafedeu, morreu.*

Durante a minha infância, nunca parecerei boa o suficiente para as pessoas que me avaliam nos testes como atriz. Dirão sempre que sou baixa/alta demais, feia/bonita demais, nova/velha demais para os papéis. Estarei todo o tempo fora do padrão desejado. O destino frisarà que jamais estou adequada, insistirá em irritar minha mãe. Anos depois, nos depararemos, num lugar público, com um anúncio contendo uma fotografia minha. Eu o mostrarei para minha mãe com sarcasmo, perguntarei se está satisfeita. Afinal, não era isso que ela tanto queria? Em seguida, tomarei um grande susto. Após escutar minhas palavras, minha mãe, completamente pálida, desaba no chão, desmaiada.

Perto dos meus dezenove anos, minha mãe gritará: *Deus é um estrangeiro, não compreende meus pleitos!* Durante madrugadas, acenderá velas, fará orações, pedirá a ajuda dele de todos os modos possíveis. Ele nada lhe responderá. É um estrangeiro orgulhoso, desses que ignoram mendigos famintos, nunca a perdoou pelo episódio do crucifixo.

## CAPÍTULO 2

### UMA VALSA PARA O ESQUECIMENTO

Como em quase todas as manhãs, o banheiro não cheirava bem devido ao problema crônico de intestino do Senhor Luiz Antônio Grimaldi. Inexplicavelmente, ele se recusava a dar descarga e obrigava os outros moradores da casa a dividirem com ele as consequências do seu infortúnio. Também como de costume, em cima da pia do banheiro, seu desodorante restava sem tampa, assim como a pasta de dente. No entanto, com o passar dos anos, tais fatos passaram a não despertar mais a atenção especial dos empregados, pois ganharam a alcunha de “hábitos”. É verdade que a Senhora de Menezes Grimaldi jamais havia deixado de se revoltar com tais atitudes do marido, mas, particularmente naquele dia, ela nem chegou a censurá-lo por conta disso. Há sempre uma hora em que todas as pessoas que se consideram especiais são obrigadas a admitirem para si mesmas se foram capazes de realizar algo relevante com aquilo que elas julgavam que as tornava criaturas melhores que as outras. Aconteceu isso comigo muito cedo, pouco depois de eu completar vinte anos. Já com sua avó paterna, acredito que deva ter ocorrido quando ela ignorou, pela primeira vez em quase duas décadas, o descuido do marido. Não sem coincidência, esse também deve ter sido o dia do episódio com Berna. Apesar de nunca ter cogitado marcar seu corpo com qualquer

desenho, a Senhora de Menezes Grimaldi pensava que seria capaz de sobreviver intacta à passagem do tempo, assim como acreditam muitos daqueles que fazem tatuagens. Na sua breve juventude, ela não temia sentir dor, pois desejava tanto ter uma vida com sentido que imaginava estar anestesiada, imune a qualquer sofrimento diferente daquele vazio que a acometia. No entanto, infelizmente, esta se mostrou somente mais uma das suas suposições equivocadas. Diante daquele rosto inchado que se revelava no espelho, a Senhora de Menezes Grimaldi teve que abdicar da boa-fé que lhe proporcionava sua mais preciosa ilusão: não, ela não era melhor ou mais esperta do que seus conterrâneos. Como todos os outros, estava ficando velha e cansada. Pior: como todos os outros, começava a colecionar mágoas.

Era a imagem de Helena com os pés descalços na grama, com o sol batendo no rosto, com sua expressão fingidamente aborrecida, eternamente jovem, que fazia a Senhora de Menezes Grimaldi se sentir menos só. Não, ainda que nutrissem um grande afeto uma pela outra, não se pode dizer que elas eram exatamente amigas. Isso porque, afinal de contas, aquela era uma cidade de velhos, e Helena pertencia ao grupo de seres que não estavam submetidos à lei maior, que apenas testemunhavam impassíveis o rápido envelhecer alheio ou que morriam cedo demais. Seus corpos recusavam aquela sociedade de iguais, e não havia desaforo maior para a gente daquele lugar do que alguém ser diferente do esperado. Sempre pareceu inusitado para sua avó paterna o fato de que mulheres como Helena, apesar de desprezadas pelos velhos, recebiam importantes tarefas deles. Não raro, ela olhava para a empregada com um misto de curiosidade e admiração. Responsável por ajudar na

criação dos filhos dos Grimaldi, Helena resistia com bravura ao sol de todos os dias e se recusava terminantemente a ceder, desistir, desabar.

Pela mansão dos Grimaldi, já tinham passado muitos funcionários. Mas, desde o início, a Senhora de Menezes Grimaldi sabia que Helena era diferenciada. Dona de um humor fino que não combinava nem com a extravagância dos seus gestos nem com sua pouca instrução, Helena não possuía pudor algum de reclamar de qualquer coisa que fosse, tampouco sentia vergonha de fazer isso na presença dos patrões. É verdade que jamais agiu de forma muito inconveniente, mas se comportava como se não tivesse que provar nada aos donos da casa. Extremamente animada, ainda que sempre resmungando por algum motivo, Helena não participava das alianças com os demais empregados, assim como também não parecia nutrir nenhum temor reverencial pelos velhos que frequentavam aquela mesa de jantar. Era, simplesmente, alguém acima do bem e do mal, não temia nada daquilo que era de se esperar. Entre os que trabalhavam na casa dos Grimaldi, existiam os que a detestavam e que a acusavam de ser uma traidora de sua classe. Outros apenas gostavam dela de maneira gratuita. Apesar de um tanto viciada no exercício dos seus pequenos poderes, Helena não era mesquinha ou prejudicava seus colegas de trabalho. Tinha um senso de justiça muito apurado e uma ética que, antes de se aplicar no trato com as pessoas, era algo que cultivava para si mesma. Certa vez, ao ser instigada pela Senhora de Menezes Grimaldi a fazer um juízo de valor sobre seu novo penteado, de forma espontânea, comentou: *a Senhora me desculpe, mas seu cabeleireiro deve ser inimigo dessa tal de Brigitte Bardot...* Desde então, ganhou a admiração da patroa, tendo a acompanhado até o último dos seus dias.

Assim como o Senhor Luiz Antônio Grimaldi fazia questão de transparecer, Helena também não nutria muita simpatia por Berna Weber. Mesmo que não praticasse seus conhecimentos, sua avó paterna conhecia o universo culinário e sabia da implicância de Helena por conta das comidas que ela fazia quando das visitas da amiga. Nos jantares oferecidos para outras pessoas, Helena se esforçava para elaborar o melhor prato possível e ficava orgulhosa com os elogios que lhe eram reservados. No entanto, mesmo ciente de que Berna repudiava carne vermelha, Helena insistia em preparar apenas *filet au poivre* para ela. Somente após isso ter ocorrido pela terceira vez, e depois de escutar os muxoxos de Helena quando questionada sobre o assunto, sua avó concluiu que seu procedimento era intencional. A princípio, ela chegou a ficar aborrecida com o excesso de personalidade de sua empregada e se perguntou se deveria repreendê-la com rigor. Sim, porque além de Berna ser sua melhor amiga, a Senhora de Menezes Grimaldi a reconhecia como uma mulher sofisticada e não queria que parecesse que as refeições de sua casa não estavam à sua altura. No entanto, passado o momento inicial da irritação, sua avó acabou tendo algumas constatações que melhoraram seu humor. Sim, o *filet au poivre* não era feito apenas como uma afronta à Berna. Antes de qualquer coisa, ele era a maneira que Helena encontrou de dizer que, apesar de nunca ter saído daquela cidade, havia aprendido as lições da cozinha francesa com perfeição. Sim, Helena percebia a admiração que a Senhora de Menezes Grimaldi sentia pela vida itinerante que Berna levava. Além do mais, era suficientemente esperta para saber que sua patroa não toleraria uma desonra ao prestígio dos jantares que oferecia. Mas, não, apesar de inteligente, ela não recebeu nenhuma educação formal, e o seu mundo se dividia somente entre o lugar onde

nasceu, a África, os Estados Unidos e a Europa. Apenas quatro eram os “países” que Helena sabia que existiam. Tendo escutado que Berna tinha origem europeia, Helena imaginava que, ao elaborar aquele prato francês, ela a estava desafiando, provando que dominava até mesmo a culinária da sua terra natal. Ao constatar a sofisticação mirabolante do plano de Helena, a Senhora de Menezes Grimaldi não teve como conter o riso. Berna era alemã, e nenhuma das intenções de Helena jamais foi percebida por ela, tampouco a impressionou ou incomodou.

Segundo pensava sua avó, a raiz da antipatia de Helena e do Senhor Luiz Antônio Grimaldi por Berna dividia o mesmo nome: ciúme. Era por esse motivo que o Senhor Luiz Antônio Grimaldi parecia irritado, até mesmo um pouco mal-educado, nos jantares que eram oferecidos para a melhor amiga de sua esposa. Não suportava constatar que não compartilhava da cumplicidade que as unia, não admitia a ideia de que sua mulher conseguia ser feliz sem que ele estivesse envolvido ou fosse responsável por isso. A amizade de Berna e da Senhora de Menezes Grimaldi datava dos tempos do colégio, e elas gostavam de lembrar, nos poucos momentos que podiam ficar juntas, as histórias daquela época. Também se deliciavam ao comentar sobre os destinos medíocres daqueles colegas que tanto as perturbaram com apelidos e desaforos. Conheceram-se quando tinham apenas onze anos, na ocasião da transferência do pai de Berna para aquela cidade. Destituída de uma beleza exuberante, branca e franzina, Berna inicialmente não despertou qualquer interesse nas crianças da classe, ou mesmo na sua avó paterna, que naquele tempo era conhecida como “a filha do dono da relojoaria”. Nascida na Alemanha, Berna já havia morado em mais lugares do que seus breves anos de vida podiam suportar.

Nem mesmo adulta ela conseguiu compreender se as constantes mudanças de cidade eram verdadeiramente motivadas por exigências da firma do pai. Ao contrário dela, sempre falante, os pais de Berna se comportavam de maneira muito reservada e apenas se dirigiam aos outros membros da família usando a língua materna. Em certo momento, ela chegou a acreditar que eles agiam assim por vergonha, já que se mostravam, no início, incapazes de dominar o português com a mesma fluência dos filhos. Com o passar do tempo, essa explicação perdeu por completo o sentido.

A amizade de Berna com a Senhora de Menezes Grimaldi floresceu porque uma possuía algo que a outra queria. Como sempre desejou sair daquela cidade opressora, os olhos de sua avó paterna brilhavam quando a amiga lhe falava sobre a vida fora dali, quando nas férias ela lhe enviava cartões-postais de países que soavam ficcionais de tão distantes. Se, no primeiro contato, Berna apenas lhe pareceu uma garota esquisita por conta das tranças exageradas e das meias no joelho, bastou que, num dia qualquer, ela lhe contasse sobre as suas mudanças para que a Senhora de Menezes Grimaldi passasse a achá-la interessante. O pai de sua avó paterna, o Senhor de Menezes, não gostava que a filha frequentasse a casa da amiga, pois ele costumava comentar que *não sabia se aqueles alemães eram judeus ou nazistas, mas tanto fazia, porque, sendo uma coisa ou outra, era certo que não prestavam*. Sua bisavó, a Senhora de Menezes, muito afável, adorava aquela garota e passou a tratá-la como uma filha postiça. Os pais de Berna não pareciam se importar que sua menina dormisse, com frequência, fora de casa, e ela acabou sendo, de certo modo, adotada pelos Menezes. No seio daquela família, Berna se sentia amada e acolhida.

O ciúme de Helena, segundo imaginava a Senhora de Menezes Grimaldi, tinha como razão o fato de que os gêmeos e as três Marias eram apaixonados por Berna. Sempre que ela os visitava, trazia presentes do estrangeiro e os encantava com suas histórias sobre fadas e príncipes. Ainda muito jovem, Berna havia decidido que jamais iria se casar e, por escolha própria, foi embora daquela cidade para realizar seu sonho de se tornar estilista. Conseguiu alcançar seu objetivo e, além de ter se tornado independente, virou uma mulher interessante e esguia. Ao contrário da melhor amiga, sua avó paterna não saiu de onde nasceu, pois se apaixonou, ainda muito cedo, pelo homem que se tornou seu marido. No entanto, mesmo tendo vidas tão diferentes, Berna e a Senhora de Menezes Grimaldi jamais romperam o forte elo que as unia. Uma vez por ano, Berna viajava para passar o verão na casa da amiga.

O Senhor Luiz Antônio Grimaldi, alguns dias depois que Berna chegava, sempre inventava algo para fazer fora da cidade, dizia que tinha compromissos políticos. Sua avó paterna já não se importava mais com a indelicadeza do marido e chegava até mesmo a preferir que ele, em vez de ficar o tempo todo reclamando, fosse mesmo embora nesses períodos.

Como em quase todas as manhãs, o banheiro não cheirava bem devido ao problema crônico de intestino do Senhor Luiz Antônio Grimaldi. Inexplicavelmente, ele se recusava a dar descarga e obrigava os outros moradores da casa a dividirem com ele as consequências do seu infortúnio. Também como de costume, em cima da pia do banheiro, seu desodorante restava sem tampa, assim como a pasta de dente. No entanto, com o passar dos anos, tais fatos passaram a não despertar mais a atenção especial dos empregados, pois ganharam a alcunha de

“hábitos”. É verdade que a Senhora de Menezes Grimaldi jamais havia deixado de se revoltar com tais atitudes do marido, mas, particularmente naquele dia, ela nem chegou a censurá-lo por conta disso. Há sempre uma hora em que todas as pessoas que se consideram especiais são obrigadas a admitirem para si mesmas se foram capazes de realizar algo relevante com aquilo que elas julgavam que as tornava criaturas melhores que as outras. Aconteceu isso comigo muito cedo, pouco depois de eu completar vinte anos. Já com sua avó paterna, acredito que deva ter ocorrido, quando ela ignorou, pela primeira vez em quase duas décadas, o descuido do marido. Não sem coincidência, esse também deve ter sido o dia do episódio com Berna. Apesar de nunca ter cogitado marcar seu corpo com qualquer desenho, a Senhora de Menezes Grimaldi pensava que seria capaz de sobreviver intacta à passagem do tempo, assim como acreditam muitos daqueles que fazem tatuagens. Na sua breve juventude, ela não temia sentir dor, pois desejava tanto ter uma vida com sentido que imaginava estar anestesiada, imune a qualquer sofrimento diferente daquele vazio que a acometia. No entanto, infelizmente, esta se mostrou somente mais uma das suas suposições equivocadas. Diante daquele rosto inchado que se revelava no espelho, a Senhora de Menezes Grimaldi teve que abdicar da boa-fé que lhe proporcionava sua mais preciosa ilusão: não, ela não era melhor ou mais esperta do que seus conterrâneos. Como todos os outros, estava ficando velha e cansada. Pior: como todos os outros, começava a colecionar mágoas.

Ela não conseguia lembrar se foi Helena quem a chamou para atender aquele telefonema. Também não conseguia se recordar das palavras exatas. Muito menos imaginava como aquilo era possível. Berna já tinha partido havia cinco dias! *Sinto*

*muito pelo que vou dizer, houve um acidente horrível perto do hotel da estrada, a Senhorita Berna faleceu...*

Ela não conseguia lembrar se foi Helena quem a chamou para atender aquele telefonema. No entanto, se recordava de que foi ela quem a levou para a cama e que, desafiando todas as regras, deu um beijo na sua testa, um remédio e um copo de água. *Sinto muito pelo que vou dizer, houve um acidente horrível perto do hotel da estrada, a Senhorita Berna faleceu, mas o Senhor Luiz Antônio Grimaldi está no hospital, felizmente, ele sobreviveu.*

*Foi apenas um sonho...*, sua avó paterna pensou ter escutado Helena murmurar. Não, não tinha certeza. Talvez estivesse ansiando, tão desesperadamente, ouvir essa afirmação saindo da boca da empregada que era possível que nada houvesse sido dito, que tudo não passasse de uma peça pregada por sua própria mente. Uma frase, apenas uma frase, é capaz de alterar radicalmente nossos sentimentos mais profundos, somos dependentes da linguagem, podemos ficar tristes ou felizes apenas com algo que nos é revelado, mesmo que não tenhamos presenciado nada. Sim, naquele momento, somente Helena poderia salvar a Senhora de Menezes Grimaldi. Um sonho? Por instantes, Helena foi Deus, mas nunca soube disso.